

A CAPACIDADE DE TRABALHO NOS PROFESSORES: DA AVALIAÇÃO À INTERVENÇÃO

Alexandra Pereira (1)
Vânia Amaral (2)
M^a Céu Castelo-Branco (3)
Anabela Pereira (4)
Carlos Silva (5)
Vítor Rodrigues (6)
Jorge Silvério (7)
Paulo Nossa (8)

- (1) Universidade de Aveiro – alexandra.pereira@ua.pt
- (2) Universidade de Aveiro – vania.amaral@ua.pt
- (3) Universidade de Aveiro – ccastelo-branco@clix.pt
- (4) Universidade de Aveiro – anabelapereira@ua.pt
- (5) Universidade de Aveiro – csilva@ua.pt
- (6) Universidade de Coimbra – vrodriques@netcabo.pt
- (7) Universidade do Minho – jmas@iep.uminho.pt
- (8) Universidade do Minho – paulonossa@mail.telepac.pt
- (9) Universidade de Aveiro – ccastelo-branco@clix.pt

Resumo

A capacidade de trabalho é fundamental para o nosso bem-estar pessoal e profissional.

O presente estudo teve como objectivo avaliar a capacidade para o trabalho dos professores, numa amostra constituída por 703 professores (140 do sexo masculino e 563 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 21 e os 67 anos de idade ($M=38,05$; $DP=8,75$), pertencentes à Região Norte, Centro, Lisboa e Região Sul.

Como instrumento de avaliação utilizamos o ICT (*Work Ability Index*) desenvolvido pelo *Finnish Institute of Occupational Health*, e adaptado para Portugal por Silva e colaboradores (2001), com o objectivo de avaliar a capacidade de trabalho.

Os resultados revelaram que existem diferenças significativas entre o sexo e o ICT, na capacidade para o trabalho actual tendo em conta as exigências físicas e intelectuais ($F=2,015$; $p=0,04$) do mesmo, e na capacidade para o trabalho em relação à estimativa do incómodo causado no trabalho pelas doenças ($F=1,316$; $p=0,021$), sendo os homens que apresentam médias mais elevadas. Da nossa amostra 47,6% apresenta bons índices de capacidade para o trabalho.

Face aos resultados obtido é fundamental melhorar a capacidade de trabalho dos professores, nomeadamente o desenvolvimento de estratégias de intervenção que promovam a saúde e o bem-estar dos professores.

INTRODUÇÃO

Face ao *baby boom* do pós segunda guerra Mundial e à diminuição da taxa de nascimentos nas décadas seguintes, muitos foram os países que sofreram mudanças demográficas consideráveis nos anos 80. Esta mudança foi prevista ser tão rápida, que no virar do século cerca de 40% da força de trabalho poderia ser acima dos 45 anos. No caso da Finlândia, um terço da sua força de trabalho teria entre 50 a 64 anos de idade em 2005. Uma rápida mudança estrutural começou

antes da década de 80 na indústria e comércio finlandês, e continuou, em parte por causa da implementação das novas tecnologias. O uso das novas tecnologias mudou a organização do trabalho, a natureza das tarefas e conhecimento necessário para novas tarefas de trabalho.

O termo capacidade de trabalho foi usado em 1980 em muitos estudos e projectos na Finlândia. A base para medir a capacidade de trabalho foi elaborada no início de 1980 num estudo *follow-up* com trabalhadores municipais reformados (Illmarien, 1991). A definição conceptual de capacidade para o trabalho está assente na seguinte questão: Como é bom o trabalhador no emprego actual e no futuro próximo, e como é possível que ele/ela faça o seu trabalho com o respeito que o trabalho exige, saúde e recursos mentais? (Illmarien e Tuomi, 1993).

Manter e promover a capacidade de trabalho é um objectivo social muito importante. As mudanças na estrutura e no tamanho da população criam desafios ao nível da disponibilidade da força de trabalho e financiamento para a segurança social, a importância da capacidade de trabalho vai aumentar ainda mais no futuro.

Promover a capacidade de trabalho na população activa também permite aos indivíduos manter a sua saúde e capacidade funcional no período da reforma.

O conceito de capacidade de trabalho tem mudado ao mesmo tempo que a sociedade se desenvolve. A capacidade de trabalho está associada a todos os factores da vida profissional, quer os que estão relacionados com o indivíduo, o local de trabalho, ou o seu ambiente social imediato ou a própria sociedade (Illmarien, 1997).

A actualidade da capacidade de trabalho tem vindo a ser crescente, devendo-se às constantes mudanças demográficas nas sociedades, no aumento das exigências da vida profissional devido às pensões de reforma. A proporção de indivíduos com idades compreendidas entre os 50 e os 64 anos de idade na União Europeia tem aumentado constantemente, atingindo um nível de 35% de toda a força de trabalho em 2025. As populações envelhecidas serão então, cerca de duas vezes o tamanho do grupo etário mais jovem (15-24 anos) (Gamperiene et al., 2008).

É amplamente entendido que a possibilidade de ter uma vida melhor e mais trabalho está fortemente dependente da capacidade de trabalho individual. Na União Europeia a taxa de emprego na população com 55/64 anos de idade será segmentada em 50% em 2010. Hoje em dia, apenas 38,5% dos indivíduos com idades compreendidas entre os 55 e os 64 anos estão a trabalhar, e a incidência para o aumento das taxas de emprego tem sido lento.

O *Finnish Institute of Occupational Health* (FIOH) começou a desenvolver um estudo multidisciplinar em 1981 com empregados municipais, e repetiu-o em 1985, 1991 e 1997 (Illmarien, 1991; K Tuomi, 1997). Os autores usaram o conceito de stresse como ponto de partida para este estudo transversal e de estudos *follow-up*. Mediram as exigências do trabalho e

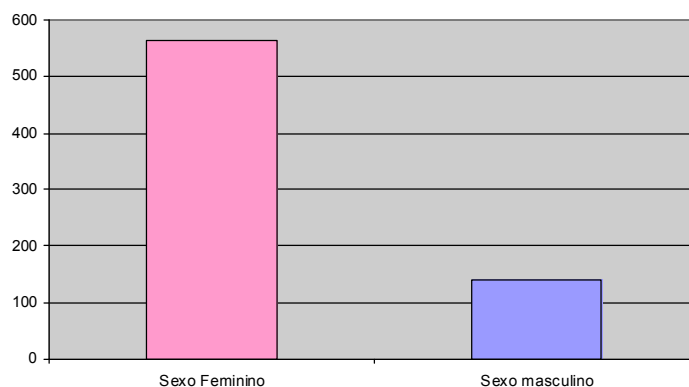
os stressores, factores individuais e indicadores de stresse. Com o intuito de comparar empregados em diferentes grupos elaboraram o WAY.

O WAI é constituído por 7 itens, e o índice deriva da soma dos valores desses itens. O intervalo das somas é de 7 a 49, sendo classificado em: pobre, moderado, bom e excelente capacidade de trabalho (Illmarien et al., 1997). O valor preditivo do WAI tem sido alto. O estudo 4 anos *follow-up* indicaram que as mulheres e homens com 51 anos de idade têm um capacidade de trabalho pobre. O trabalho e o estilo de vida associadas com a melhoria na capacidade de trabalho foram estudados tendo em conta o sexo, a idade e o conteúdo de trabalho.

Com este estudo pretendemos identificar a importância da capacidade de trabalho e suas implicações no bem-estar docente.

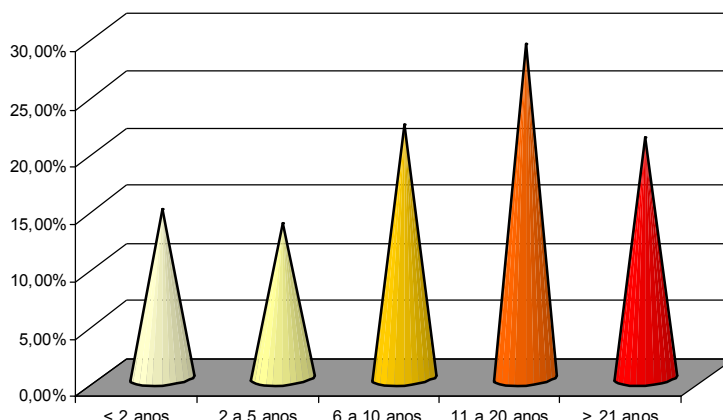
Este estudo foi constituído por 703 sujeitos, educadores e professores pertencentes a instituições de educação das regiões norte, centro e sul do país. Na sua maioria eram sujeitos pertencentes ao sexo feminino. A média de idades está situada entre os 38,05 anos, com um limite mínimo de 21 anos e um limite máximo de 67 anos de idade.

Gráfico 1 – Distribuição da amostra por sexo



O gráfico 2 mostra-nos que a amostra é heterogénea quanto ao tempo de serviço: Metade dos sujeitos tem menos de 10 anos de serviço e outra metade tem mais de 10 anos de serviço.

Gráfico 2 – Distribuição da amostra por tempo de serviço



Índice de Capacidade para o Trabalho

O Índice de capacidade para o trabalho – ICT- e de acordo com os valores padronizados, os resultados deste estudo demonstra, que 3,3% da amostra apresenta um ICT baixo, 28,7% ICT moderado, 47,6% um ICT Bom e 16,8% ICT Ótimo. Foram encontrados resultados semelhantes num estudo efectuado por Pereira e colaboradores (2002) com uma amostra de 232 docentes, os quais 3,1% apresentava um ICT baixo, 32% ICT moderado, 47,6% ICT bom e 17,3% Ótimo.

Índice de Capacidade para o Trabalho vs exigências da profissão

Desta amostra 3,8% dos docentes considera que a exigências são intelectuais, 4% que são físicas e 62,7% considera que as exigências são tanto intelectuais como físicas. Estes resultados vão mais uma vez de encontro com os encontrados por Pereira e colaboradores (2002). Estes resultados levam-nos a acrescentar que a profissão docente exige esforço físico, podendo este ser justificado pelo transporte de manuais escolares, pelo apoio físico a alunos mais novos e ainda à inexistência de pessoal auxiliar suficiente.

Índice de Capacidade para o Trabalho vs robustez psíquica

A maioria dos sujeitos da amostra revela que frequentemente nos últimos tempos tem gozado o seu dia-a-dia e sentem-se mais activos e optimistas em relação ao futuro. Neste sentido podemos afirmar que o trabalho é uma fonte de realização e de crescimento pessoal (Pereira et al., 2002; Seco, 2002; Latino et al., 2003).

De acordo com o Quadro 1 podemos verificar que existem diferenças significativas no Índice de Capacidade para o Trabalho e as exigências físicas e intelectuais (ICT2) e na Capacidade para o Trabalho em relação à estimativa do incómodo causado no trabalho pelas doença (ICT4), sendo que são os homens que apresentam as medias mais elevadas.

Escala	Género	Média	DP	F	p
ICT geral	Masculino	39,56	5,4	1,06	.024
	Feminino	38,41	5,21		
ICT1 actual em comparação com o melhor até agora	Masculino	7,64	1,74	1,50	.439
	Feminino	7,75	1,47		
ICT2 tendo em conta as exigências físicas e intelectuais	Masculino	8,01	1,28	2,01	.004
	Feminino	7,65	1,30		
ICT3 doenças ou lesões actuais diagnosticadas pelo médico	Masculino	2,01	2,57	3,34	.146
	Feminino	2,39	2,78		
ICT4 estimativa do incómodo causado no trabalho pelas doenças	Masculino	5,19	1,13	1,31	.021
	Feminino	4,95	1,07		
ICT5 em relação às faltas ao trabalho devido à doença	Masculino	4,32	.703	1,03	.876
	Feminino	4,33	.730		
ICT7 relativo à robustez psíquica	Masculino	8,80	2,20	.152	.467
	Feminino	8,66	2,08		

Quadro 1 - Médias e desvios-padrão e ANOVA do Índice de Capacidade para o Trabalho segundo o género

Foram ainda encontradas diferenças significativas entre as exigências físicas e intelectuais e os anos de serviço. Os docentes com menos de 2 anos de serviço apresentam médias mais elevadas em comparação com os seus colegas com mais de 21 anos de serviço que apresentam médias mais baixas. Apesar do resultado ser significativo o teste de Scheffé não conseguiu identificar as diferenças entre pares ($p < 0,05$). Os resultados apontam no sentido de que, independentemente do tempo de serviço, os docentes autoavaliam-se com tendência para “bastante boa” capacidade de trabalho tendo em consideração as exigências físicas e intelectuais do trabalho.

Discussão

Neste estudo verificamos que a maior parte dos profissionais de ensino situa-se num nível “bom” ou “ótimo”. Contudo, a percentagem dos que revelam um índice “baixo” ou “moderado” é também significativa. Os docentes com mais tempo de serviço revelam “baixa” capacidade para o trabalho. Estes mesmos docentes manifestam mais doenças ou lesões diagnosticadas pelo médico e revelam-se mais afectados pelas mesmas, bem como evidenciam pior diagnóstico quanto ao futuro na profissão em comparação com os colegas com menos tempo de serviço.

Os resultados deste estudo são um contributo para a importância de uma reflexão acerca da natureza do trabalho docente e das condições contextuais, ambientais e ergonómicas na qual a mesma se desenvolve. A prevalência de um número significativo de docentes com baixa e moderada capacidade laboral, faz-nos reflectir nas medidas que devem ser tomadas por forma a restaurar, melhorar e manter a capacidade de trabalho.

Para melhorar e intervir na capacidade de trabalho dos professores deveriam ser implementadas estratégias de intervenção dos Serviços de Saúde Ocupacional em articulação com as escolas.

Referências Bibliográficas

Gamperiene, M., Nygard, J. F., Sandanger, I., Lau, B., & Bruusgaard, D. (2008). Self-reported work ability of Norwegian women in relation to physical and mental health, and to the work environment. *Journal of Occupational Medicine and Toxicology*, 3, 8, 1-9.

Ilmarinen, J. (1991). The aging worker. *Scandinavian Journal Work and Environ Health*, 17, 1.

Ilmarinen, J. & Tuomi, K. (1993). *Work ability index for ageing workers* In J. Ilmarinen (Ed.), *Ageing and Work Proceedings 4* (142-155). Helsinki: Finnish Institute of Occupational Health.

Ilmarinen, J., Tuomi, K., & Klockars, M. (1997). Changes in the work ability of active employees over an 11-year period. *Scand J Work Environ Health*, 23 Suppl 1, 49 - 57.

Pereira, A., Silva, C., Castelo-Branco, M. & Latino, M. (2002), Saúde e a capacidade para o trabalho na docência, *Livro de Comunicações* (159-167). Póvoa do Varzim. IV Congresso de Saúde Ocupacional, Departamento de Clínica Geral da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Seco, G. (2000). *A satisfação na actividade docente*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Coimbra: Universidade de Coimbra. Não publicada.

Silva, C., Silvério, J., Nossa, P., Rodrigues, V., Pereira, A. & Queirós, A. (2000). Envelhecimento, ritmos biológicos e capacidade laboral – versão portuguesa do work ability index. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 5(2), 329-339.

Tuomi, K. (1997). Eleven-years follow-up of aging workers. *Scandinavian Journal work Environment Health*, 23, 1.